

**NAS VEREDAS DA CIDADE: NORMATIZAÇÕES E CONSTRUÇÕES  
HISTÓRICAS NO ESPAÇO URBANO DO PORTAL DO SERTÃO  
(ARCOVERDE DÉCADA DE 1970).**

HELDER REMIGIO DE AMORIM<sup>1</sup>

A cidade que nos aventuramos a tratar está localizada no Estado de Pernambuco, mais precisamente no Sertão do Moxotó, na divisa entre o Agreste e o Sertão, Arcoverde. Partiremos da perspectiva de que uma cidade não deve ser compreendida apenas através do seu relevo, do seu patrimônio arquitetônico, ou do número de habitantes, mas principalmente por meio de táticas e estratégias, e subjetividades que envolvem o seu cotidiano.

Todas as cidades possuem funções peculiares, no caso de Arcoverde, não é diferente. Seus habitantes tendem a reconhecê-la como um lugar de passagem, de encontros e desencontros, de tradições e modismos, um lugar que recebe múltiplas influências, comumente denominado “Portal do Sertão”<sup>2</sup>. Erguida entre as serras do Planalto da Borborema, recebe, ao anoitecer, ventos frios, e na época do inverno, uma garoa gélida que faz florescer a vegetação nos dias seguintes.

O fato de ser a primeira cidade localizada no sertão de Pernambuco suscita indagações sobre a maneira de como concebemos o “Sertão”. As imagens correntes de miséria, fome e pobreza sobre porção do Estado, fazem parte de uma construção intelectual. Ser tão seco, pobre, miserável e duro. São com essas inúmeras representações que Arcoverde recebe influências culturais desse ambiente sertanejo, mas não trataremos essas influências de forma determinante.

Arcoverde está localizada no centro de uma encruzilhada de caminhos que levam a destinos variados. Como afirmou um artista da cidade:

Arcoverde é uma cidade que a gente chama lá na nossa região, um grande entroncamento, um grande trevo, passagem e pouso de pessoas, isso formou uma característica da cidade. O acúmulo de

---

<sup>1</sup> Professor vinculado a SEDUC-PE, Mestre em História Social da Cultura Regional - UFRPE.

<sup>2</sup> A denominação Portal do Sertão é uma construção histórica muito utilizada nos periódicos locais com o intuito de exaltar a importância da cidade. Nesse sentido, configura-se a ideia de que após a passagem por esse portal (pela cidade), haveria o encontro com o misterioso mundo sertanejo.

informações de vários lugares, e também a concentração de diferenças, de diferentes coisas (MASSANGANA, 2008).

O relato do artista traz discursos, representações e espacialidades que foram construídas como uma vocação praticamente inata da cidade. É nesse território permeado de multiplicidade que convidamos o leitor a caminhar por essa cidade que imaginamos, conhecendo histórias e trilhas criadas pelos seus habitantes.

Além de receber muitos viajantes, a cidade também é propícia a deslocamentos vizinhos. A maioria dos personagens que apresentaremos são advindos de outras localidades, que perceberam a cidade como um lugar de oportunidades, ali se fixaram, e construíram suas histórias de vida.

Nesse sentido, principalmente por ser um local de passagem, a cidade desenvolveu suas atividades comerciais, em especial, o comércio de alimentos, tornando-se ao longo do tempo um centro de abastecimento regional. Habitantes das cidades próximas visitavam Arcoverde periodicamente, não apenas em busca de alimentos, mas, também, a procura de outras mercadorias que a cidade poderia oferecer.

Durante a década de 1970, período em que o governo federal disseminava a ideia de que o Brasil pretendia ser grande, por sua vez, os governantes da cidade proferiam discursos de que Arcoverde deveria ser nova, moderna e desenvolvida. Nesse sentido, os periódicos locais da época<sup>3</sup> traziam um forte apelo ao civismo, ao desenvolvimento, e ao progresso. Essa década traria muitas mudanças culturais que alcançariam as ruas da cidade. Por esses motivos, o estudo da cidade deve ser compreendido “como um problema e um objeto de reflexão, a partir das representações sociais que produz e que se objetivam em práticas sociais” (PESAVENTO, 2007:13).

### **Arcoverde, moderna e progressista?**

Durante a década de 1970 o poder público foi contagiado pelo discurso da modernização, especialmente relacionado com mudanças urbanísticas. Serviços como limpeza pública, transporte urbano, abastecimento de água, tiveram nesse período transformações que interferiram diretamente no cotidiano dos seus habitantes.

---

<sup>3</sup> Foram poucos os periódicos do período estudado preservados, entre esses estão A Região, Informativo Municipal e Jornal do Cinquentenário.

Na época em que a cidade completou o primeiro cinquentenário alguns discursos chamaram atenção. Em uma edição comemorativa, pois como afirmou Sirinelli “a comemoração é fruto diferenciado de uma história, pode estimular a renovar uma historiografia que, por sua vez, pode influenciar na história ou pelo menos a sua representação” (SIRINELLI, 1999:78). Publicado pela Prefeitura Municipal em 1978, intitulado **Jornal do Cinquentenário**<sup>4</sup> tinha como cerne a seguinte frase: 50 anos de Progresso. Durante as suas páginas é marcante a tentativa de mostrar uma cidade que apesar de ser uma jovem senhora, carrega em suas vestes a marca do desenvolvimento e do progresso. Essa visão é bem exemplificada a seguir: “A história e a geografia econômica de Arcoverde movem-se passo-a-passo numa caminhada firme, segura, normal, precisa e nunca andejando na cadência que propendem rumo ao desenvolvimento” (**Jornal do Cinquentenário**, set, 1978:10). A vocação do município para o desenvolvimento é tratada praticamente como algo inato.

Nesse sentido, iniciativas de construções de imagens que pretendiam disseminar o discurso de que Arcoverde era uma cidade moderna, desenvolvida, progressista foram também percebidas no periódico **Informativo Municipal**<sup>5</sup>. O seu primeiro número circulou com a seguinte informação: “Arcoverde é uma cidade em desenvolvimento que acompanha o ritmo progressista do Brasil gigante dos nossos dias” (1973:1). A citação traça semelhanças com o discurso utilizado pelo governo Médici, que tinha como intenção instaurar um clima de ufanismo em torno da ideia de que o Brasil era um país próspero e tranqüilo (FICO, 1997).

Contudo, no mesmo passo em que a cidade se dizia moderna algumas reportagens dos periódicos tinham um forte apelo à formação da identidade de Arcoverde como Capital ou Portal do Sertão. O passado vitorioso da feira de gado é lembrado através da tentativa do seu retorno. Já o comércio, considerado vocação

---

<sup>4</sup> Edição de comemoração do aniversário de 50 anos de emancipação política do município. A publicação tinha como intenção elencar os principais fatos e realizações do progresso da localidade. Foi veiculado em uma única edição no dia 11/09/1978 custeada pela Prefeitura Municipal, sob Coordenação Geral de Boanerges Pacheco, Dircéia Cordeiro Brayner, e Alder Júlio Ferreira Calado. Informações como tiragem, e custo da publicação não constam.

<sup>5</sup> O **Informativo Municipal** foi um instrumento utilizado pelo Governo Federal e organizado pela SUDENE (Superintendência para o Desenvolvimento do Nordeste) para difundir nas cidades do interior do Nordeste a Ideologia do Brasil Grande. Temas como civilidade, patriotismo são recorrentes em suas reportagens. Contudo, o periódico era produzido pela assessoria de imprensa do prefeito, com a intenção de ser o principal veículo de publicidade oficial da prefeitura. A sua veiculação era mensal, sendo o primeiro número veiculado em Junho de 1973, e o último em Janeiro de 1983.

inata, é apontado como propulsor do desenvolvimento, mas também recebe algumas normatizações. A higienização e limpeza da cidade são apontadas como fatores determinantes da civilidade. A seguir trataremos mais especificamente dessas questões.

### **“Povo Desenvolvido é Povo Limpo”.**

Durante a década de 1970 o órgão de comunicação oficial da ditadura militar, a Assessoria Especial de Relações Públicas (AERP), desenvolveu uma campanha nacional contra o mau hábito de espalhar lixo em locais públicos. Para Carlos Fico a publicidade do regime autoritário utilizou como artifício a construção de uma imagem de que os opositores estavam a serviço do desamor e do ódio, enquanto o governo tentava levar uma palavra de concórdia e amor, sobre essas questões afirmou: “a propaganda governamental pretendia se passar por inofensiva, de utilidade pública, o instrumento criador de uma atmosfera da paz, de concórdia, algo que soava enigmático vindo de um regime autoritário.” (FICO: 124).

Nesse sentido, foi criado o personagem Sujismundo que sempre se apresentava acompanhado do *slogan* “Povo desenvolvido é povo limpo”. (MIZIARA, 2001:80). Essa campanha publicitária foi veiculada na televisão, cinemas, e seus discursos se apresentaram também no **Informativo Municipal**. A campanha estava atrelada ao civismo e a cooperação da sociedade para que a cidade fosse limpa e conseqüentemente desenvolvida. Observem o trecho de uma reportagem:

#### LIMPEZA PÚBLICA

Os caminhões da prefeitura estão procedendo a coleta de lixo em todas as ruas da cidade. Resta apenas a compreensão do povo, no sentido de colaborar com a limpeza da cidade, colocando o lixo nos depósitos ou nos lugares apropriados.

Povo Desenvolvido é Povo Limpo (**Informativo Municipal**, nº 1, jun, 1973:10).

Através desse trecho podemos perceber a intenção da Prefeitura Municipal em relacionar a civilidade ao desenvolvimento, pois se os moradores tivessem atitudes cívicas, o espaço (a cidade) estaria limpo de práticas urbanas arcaicas que não condiziam com uma localidade que estava, segundo os discursos da época, em franco

desenvolvimento. Nesse fragmento o intuito da campanha era responsabilizar a população não apenas pela limpeza, mas principalmente pelo avanço econômico, social, e cultural da cidade. O periódico clamava pela participação da coletividade.

Um exemplo bastante elucidativo de participação: colocar o lixo diário, para a coleta, em recipientes estéticos e de fácil manejo. Veja-se, numa atitude tão simples, quantas conotações positivas: você colabora para um melhor aspecto da cidade, evita sujeiras na sua rua e facilita a tarefa dos garis. Desse modo, você evita a propagação de doenças, que podem atingir sua própria família, torna o ambiente mais saudável, sentindo-se você mesmo muito melhor, economiza o dinheiro da municipalidade, em última análise dinheiro do seu próprio bolso. (**Informativo Municipal**, nº 2, jul, 1975:1).

Primeiramente, percebemos o discurso de embelezamento da cidade, como salientou Pechman: “uma concepção urbanística começava a se manifestar frente à mera ação pontual higienista e/ou de embelezamento no sentido de impor uma política urbana” (PECHMAN, 202:403). Simultaneamente com o de higienização tinham como finalidade instituir o hábito nos moradores da cidade de participarem da coleta do lixo.

A cidade aparece elevando-se acima do patamar das meras aglomerações, frágeis e inconstantes, trazendo a certeza de que ali se constrói uma sociedade organizada, voltada para o futuro. Os projetos de transformação e melhoramento do espaço urbano, assim com os ideais de representação estética, alimentam essa expectativa em seus habitantes. (GUIMARÃES NETO, 2006: 164).

Novamente o discurso de civilidade se apresenta nesse momento relacionado com a responsabilidade do cidadão de contribuir com a prefeitura pra economizar seus recursos. Não raro, os moradores jogavam lixo nas esquinas, em terrenos baldios posturas que estavam de encontro com uma cidade que segundo um prefeito da época era “buliçosa e irrequieta, onde todos, ombro a ombro, se esforçam para torná-la a mais progressista do interior pernambucano...” (**Informativo Municipal**, nº 2, jul, 1975:1).

Nesse sentido, muitos habitantes não davam ouvidos a ordem que tentava se estabelecer de uma cidade limpa, moderna e desenvolvida. Suas práticas continuaram sendo exercidas independente da atuação do poder público inventando e reinventando seus códigos, suas táticas e maneiras de viver (CERTEAU, 2008: 169-217). Apesar de não termos encontrado referência ao personagem Sujismundo, os discursos de civilidade e *slogans* foram constantemente veiculados no informativo oficial da prefeitura. Porém,

outros discursos sobre a cidade se revelaram com a intenção de torná-la bela, higiênica e com espaços demarcados.

### **Entre Portal e Capital.**

Além do forte apelo ao civismo e a normatização de práticas urbanas, nos deparamos no **Informativo Municipal**<sup>6</sup> com algumas denominações que até hoje são utilizadas quando o poder público se refere à cidade, e foram sendo, em certa medida, incorporadas pelos meios de comunicação locais e por uma parcela da população da cidade. Observem o trecho a seguir:

#### Modéstia a parte

Temos procurado demonstrar, sempre que se nos parece oportuno, quanto essa cidade evoluiu, mesmo arrostando uma infinidade de tropeços. Definimos, até mesmo setorialmente, a curva ascensional do seu progresso. Tal estágio, se propicia vantagens, determina também algumas obrigações. (...) Que, umas e outras, não se restringem ao Poder Público. Cada um dos que aqui vem, devem ser tanto usufrutuários das regalias, quando participantes e solidários nas dificuldades. Longe de nós a pretensão de fomentar esnobismos. Constrange-nos, entretanto, a inibição doentia, a timidez aparvalhante, o provincianismo ridículo. Claro, aqui como em qualquer cidade do mundo, grandezas e defeitos se confundem. Mas, modéstia à parte, esta é a Capital do Sertão (**Informativo Municipal**, nº 7, dezembro de 1975:1).

O periódico tinha como finalidade exaltar os feitos da administração municipal. No trecho acima o sentido de evolução passa a ideia de que a cidade estava vivenciando um novo tempo, mas deixa transparecer que a população deveria ser solidária nos momentos de dificuldade. Afinal, quem está vivendo um momento de auge e desenvolvimento não tem a necessidade de se reportar ao fracasso.

---

<sup>6</sup> Sobre o papel dos periódicos na construção de imagens sobre a cidade, menciona Ana Maria Carvalho: “Os jornais, como veículos de formação e de opinião pública, colaboram para a construção de imagens sobre a cidade e o seu cotidiano. Através da utilização de uma linguagem específica, com adjetivos e artifícios de retórica, constroem uma forma de ver o outro e o mundo, ainda que este seja apenas uma cidade.” OLIVEIRA, Ana Maria Carvalho dos Santos. **Feira de Santana em Tempo de Modernidade: Olhares, Imagens e Práticas do Cotidiano**. (1950-1960). Tese (Doutorado em História). Recife: CFCH, UFPE, 2008:33.

Nesse sentido, a notícia tinha como intenção construir sentidos para definir Arcoverde como uma cidade diferenciada e singular, afinal se apresentava como a Capital do Sertão, e visava definir a influência sobre um determinado território. O termo funciona como um rótulo identitário, pois o periódico concede à cidade o título de capital de uma região. Observem outro trecho de uma reportagem:

(...) Arcoverde é, inegavelmente, uma das cidades mais evoluídas do Nordeste. Fatores de matizes variados se conjugam, propiciando-nos um desenvolvimento impressionante. Entre tantos, não cabe a menor dúvida, avulta uma posição geográfica privilegiada. Portal do Sertão, aqui se cruzam muitos caminhos, significando sempre a presença constante de gente amiga de outras terras. (**Informativo Municipal**, nº 5, out, 1976:5).

Nesse momento a cidade perde o título Capital do Sertão em nível estadual, mas ascende a categoria de Portal do Sertão do Nordeste, apresentando um sentido valorativo, aumentando significativamente seu grau de relevância. No que concerne a localização geográfica constrói o sentido de que é algo determinante para o sucesso de uma cidade que se mostra hospitaleira e abraça os “forasteiros”. No que concerne as definições de região afirmou Durval Muniz:

A noção de região, antes de remeter à geografia, remete a uma noção fiscal, administrativa, militar (vem de *regere*, comandar). Longe de nos aproximar de uma divisão natural do espaço ou mesmo de um recorte do espaço econômico ou de produção, a região se liga diretamente às relações de poder e sua espacialização; ela remete a uma visão estratégica do espaço, ao seu esquadramento, ao seu recorte e à sua análise, que produz saber. Ela é uma noção que nos envia a um espaço sob domínio, comandado. (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2006: 25).

Destarte, a criação de símbolos, imagens, de uma cidade moderna e desenvolvida está atrelada principalmente aos governos militares da época. Nesse sentido, o discurso do **Informativo Municipal** não tinha como intuito apenas divulgar as ações da prefeitura. Mas sim, formar identidades, produzir sentidos e não meramente produzir publicidade (ORLANDI, 2003: 21). Sobre a vocação comercial da cidade observem:

## Vocação

Arcoverde nasceu com a vocação do comércio. Ao longo de toda a sua história, outro não tem sido o destino desta terra. Já na época de almocreves, o então Rio Branco era um dos pontos finais de muitas rotas. Aqui, os valorosos caravaneiros daqueles tempos heróicos, deixavam cargas, daqui levavam as estivas, os tecidos, as ferramentas e os combustíveis. Com o advento dos veículos automotores, a estrutura desse processo se manteve, apenas se expandindo o volume de trocas. Arcoverde nasceu com a vocação do comércio. Este é o seu destino. Para que esta vocação e este destino não sejam truncados, esta cidade precisa de amor, do trabalho e da inteligência dos seus filhos. (**Informativo Municipal**, nº 4, setembro de 1974:2).

Percebemos inicialmente o sentido de naturalização da atividade comercial da cidade. A referência ao passado é primeiramente exaltada, depois se torna secundária já que aqueles foram tempos heroicos, e a dimensão do comércio da cidade possui outras proporções. Contudo, sabemos que as práticas comerciais foram se desenvolvendo a partir processos culturais, políticos, econômicos, de modo algum atrelados a uma vocação inata.

O crescimento comercial da cidade se constituiu como resultado de várias ações coletivas e individuais ao longo da história da urbe (DAECTO, 2002). Quanto ao sentido de destino, se apresenta praticamente como um elemento religioso, construindo um sentido de eternidade, desconsiderando a dinâmica do processo histórico. Por fim, a cidade é representada como uma mãe que pede encarecidamente aos seus filhos que não trilhem caminhos incertos. Nessa época houve também a tentativa do retorno da feira de gado.

### Praticamente Conseguido retorno da Feira de Gado

A Feira de Gado foi durante muito tempo um suporte extraordinário da economia local. As suas atividades específicas e suas influências paralelas, determinavam o incentivo substancial ao desenvolvimento do município. (...) Hoje, entretanto, pode ser dito que um dos maiores entraves está praticamente fora de cogitações. O terreno, onde devem ser construídos os alojamentos necessários ao funcionamento da feira, podem ser doados pela secretaria de agricultura. Desse modo, leva a crer que, a partir do próximo ano, Arcoverde passará a ser novamente o importante centro de comercialização de gado de épocas passadas. (**Informativo Municipal**, nº6, novembro de 1975: 9).



No início desse capítulo analisamos a obra de Wilson, em que a feira de gado foi apresentada como propulsora do desenvolvimento da localidade. Apesar dos discursos do periódico publicitário da prefeitura apresentarem uma cidade que se pretendia moderna e civilizada, encontramos referências sobre a tentativa de retorno do comércio de bovinos na cidade. A feira livre continuava acontecendo, porém a feira de gado há muito havia deixado de existir. Nesse sentido, da mesma forma que a cidade era projetada para o futuro através dos discursos, buscava uma antiga prática comercial para se desenvolver. Provavelmente, a ideia do retorno da feira de gado tenha uma relação próxima às construções históricas que intitulam esse item.

Por conseguinte, sabemos que os termos Portal e Capital do Sertão foram construídos paulatinamente ao longo da história da cidade, mas nesse período serviram como esteios para que o Poder Municipal construísse discursos que apontassem Arcoverde como uma cidade em constante desenvolvimento. Nesse sentido, o comércio citadino se constituiu no discurso das elites como um elemento dos ideais de progresso e civilidade.

### **Problemas e Intervenções na Urbe.**

Em momento algum encontramos referência no **Informativo Municipal** às dificuldades que a população enfrentava. Apesar do discurso de progresso e desenvolvimento, muitos habitantes do município não tinham acesso aos serviços educacionais básicos, como saúde pública, luz elétrica, e até mesmo abastecimento de água. O periódico **A Região**<sup>7</sup> traz algumas informações sobre a situação de calamidade pública que se encontrava o manancial que abastecia a cidade.

#### A Verdade sobre a água de Arcoverde

Existe muita celeuma relacionada com a água que a população de Arcoverde vem utilizando para o seu consumo cotidiano. Dir-se-ia que o precioso líquido, vem ocupando posição de relevante destaque pelas críticas que lhes são feitas, através dos mais controvertidos aspectos, principalmente aquele que se refere a sua condição de água potável. (**A Região**, fev-mar, 1973:5).

---

<sup>7</sup> Os posicionamentos do periódico são múltiplos, pois ora estão a favor do poder público, ora agem com críticas aos serviços públicos urbanos.

A matéria traz uma eminente preocupação com a saúde pública. Por outro lado, as instalações do sistema de distribuição de água de Arcoverde eram consideradas excelentes, porém faltavam técnicos especializados no tratamento da água. Nesse período apenas 49,5% das residências da zona urbana eram abastecidas (PERNAMBUCO, 1982:21). O sistema de distribuição de água da cidade se restringia as áreas centrais, deixando a mercê uma grande parcela da população que vivia na periferia. A cidade que pregava a civilidade e o progresso em seus discursos oficiais apresentava sérios problemas em sua infra-estrutura social.

A cidade cresceu de forma desordenada, áreas de caatinga começaram a ser devastadas pelos próprios habitantes que foram adquirindo terrenos e passaram a morar em áreas de transição entre a vida urbana, e a vida rural. As dimensões da cidade foram aumentando, talvez por esse motivo houve a necessidade de abrir concessão para criação de um sistema coletivo de passageiros. A seguir um trecho da lei que regulamentou o transporte público na cidade.

Prefeitura Municipal de Arcoverde – Pernambuco

Lei nº 1.113 de 02 de Agosto de 1976.

O Prefeito do Município de Arcoverde

Faço saber que a Câmara Municipal de Vereadores Aprovou e eu sanciono a seguinte Lei:

Art 1º Fica o Chefe do Poder Executivo a oferecer em caráter exclusivo a “EMPRESA AUTO EXPRESSO ARCOVERDE” de propriedade do Srª. Amara Alves de Lima, licença para exportação de transporte urbano nesta cidade, nas seguintes linhas I – Vila da COHAB ao Bairro de São Cristóvão e vice versa. II - Praça do Livramento ao Bairro de Pinto de Campos e vice versa.

Gabinete do Prefeito, em 02 de Agosto de 1976.

Arlindo Pacheco de Albuquerque – Prefeito.<sup>8</sup>

A locomoção dos habitantes que moravam nas áreas mais distantes do centro era feita há muito com cavalos, carroças de burro, em alguns casos com carros de boi, meios de transporte que não condiziam com as proposta de higienização e embelezamento da cidade. Nesse contexto, o transporte público passou a fazer parte do cotidiano dos moradores, uma tentativa do poder público de cultivar o hábito da utilização do ônibus, em detrimento da tração animal. Todavia, animais continuaram

---

<sup>8</sup> ARCOVERDE, Lei n.º 1.113, 02 de Agosto de 1976. Arquivo da Câmara Municipal de Vereadores de Arcoverde.

percorrendo as ruas da cidade, não raro rebanhos inteiros pastavam tranquilamente nas áreas centrais da cidade.

O comércio também passou por uma regulamentação<sup>9</sup> que até hoje vigora na cidade. Os estabelecimentos comerciais e industriais seriam obrigados a encerrar suas atividades às 13 horas do sábado, e reabririam na segunda-feira às 7 horas da manhã. Aqueles que não seguissem a orientação da prefeitura eram multados e em caso de reincidência sofreriam penalidades judiciais. Contudo, as mercearias, o mercado público, a feira livre estavam isentos dessas sanções. O sábado era o dia em que a cidade recebia muitas famílias dos municípios vizinhos e da zona rural, que buscavam se abastecer.

Ao longo dessas poucas páginas, tentamos apresentar a cidade de Arcoverde, os discursos fundadores, as tentativas de higienização e disciplinarização do espaço urbano. Esperamos que ao final desse artigo as impressões da cidade que imaginamos tenham sido sentidas.

## **BIBLIOGRAFIA**

ALBUQUERQUE JÚNIOR. **A Invenção do Nordeste** e outras artes. Recife: FJN, Ed. Massangana; São Paulo: Cortez, 2006.

CERTEAU, Michel de. **A Invenção do Cotidiano 1: arte de fazer**. Petrópolis: Vozes, 2008.

DAECTO, Marisa Midori. **Comércio e Vida Urbana na Cidade de São Paulo (1899-1930)**. São Paulo: Editora do SENAC São Paulo, 2002.

FICO, Carlos. **Reinventando o Otimismo** - Ditadura, propaganda e imaginário social no Brasil. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1997.

Fundação Joaquim Nabuco. Biblioteca. **Poetas do Repente**. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Ed. Massangana, 2008.

---

<sup>9</sup> ARCOVERDE, Projeto de Lei nº 4/71 de 24 de março de 1971. Arquivo da Câmara Municipal de Vereadores de Arcoverde.

GUIMARÃES NETO, Regina Beatriz. **Cidades da Mineração: memória e práticas culturais: Mato Grosso na primeira metade do Século XX.** Cuiabá, MT: EdUFMT, 2006.

MIZIARA, Rosana. **Nos rastros dos restos: as trajetórias do lixo na cidade de São Paulo.** São Paulo: Educ, 2001.

ORLANDI, Eni. **Análise do discurso: princípios e procedimentos.** Campinas, SP: Pontes, 2003.

PECHMAN, Robert Moses. **Cidades estreitamente vigiadas: o detetive e o urbanista.** Rio de Janeiro: Casa da palavra, 2002.

PERNAMBUCO. **Síntese de Estatística dos Municípios – Pernambuco. Arcoverde.** Recife: SERPE, 1978.

PESAVENTO, Sandra. Cidades Visíveis, Cidades Sensíveis, Cidades Imaginárias. **Revista Brasileira de História.** São Paulo, vol. 27, nº 53, 2007:13.

SIRINELLI, Jean-François. Ideologia, tempo e história. In: CHAUVEAU, A.; TETARD, P. **Questões para a história do presente.** Bauru, SP: EDUSC, 1999.